

FAMÍLIA E O COMPORTAMENTO FINANCEIRO: UM ESTUDO COM PAIS E ADOLESCENTES

FAMILY ON FINANCIAL BEHAVIOR: A STUDY WITH PARENTS AND TEENAGERS

Náttaly Carolina Henkel

Me Rosiane Oswald Flach

RESUMO

A educação financeira é um processo pelo qual os indivíduos conseguem obter uma melhor compreensão sobre os conceitos financeiros; quando discutida entre pais e filhos o mais cedo possível, ela traz benefícios ao futuro para que aprendam administrar e trabalhar com o dinheiro. Nesse sentido, o objetivo do estudo foi analisar o efeito da interação da família no comportamento financeiro dos adolescentes. Dessa forma, foi realizada uma pesquisa qualitativa e descritiva por meio de um grupo focal com 8 pais e 8 adolescentes do mesmo grupo familiar. As principais conclusões apontam que os pais possuem uma interação com os filhos no que se refere à administração de finanças, especialmente, quando falam sobre contas da família. Entretanto, não apresentam uma política de educação financeira em casa e sabem sobre a gestão financeira da família; a maioria dos filhos não possui interesse sobre o assunto e os pais não trabalham com o uso de mesada, o que pode comprometer o entendimento sobre o tema. As principais contribuições deste estudo estão na importância de se criar uma cultura de educação financeira nos lares, essencialmente, do papel da família na vida desses adolescentes. É preciso trazer à tona o papel da família na construção do comportamento de consumo dos adolescentes.

Palavras-chave: Educação Financeira. Comportamento Financeiro. Finanças Pessoais. Adolescentes. Relacionamento Familiar. Grupo Focal.

ABSTRACT

Nowadays, financial education is a process by which individuals are able to gain a better understanding of financial concepts; when discussed between parents and children as early as possible, it benefits the future for them to learn to manage and work with money. In this sense, the objective of the study was to analyze the effect of family interaction on the financial behavior of adolescents. Thus, a qualitative and descriptive research was carried out through a focus group with 8 parents and 8 adolescents from the same family group. The main conclusions point out that parents have an interaction with their children when it comes to financial management, especially when they talk about family accounts. However, they do not have a financial education policy at home and know about the family's financial management; most children are not interested in the subject and the parents do not work with the use of allowance, which can compromise the understanding on the subject. The main contributions of this study are the importance of creating a culture of financial education in homes, essentially, the role of the family in the lives of these adolescents. It is necessary to bring up the role of the family in the construction of adolescent consumption behavior.

Keywords: Financial Education. Financial Behavior. Personal finances. Teens. Family Relationship. Focus Group.

1 INTRODUÇÃO

A educação financeira é um processo pelo qual, inclui toda uma linha de aprendizado quanto às decisões com objetivos financeiros para o futuro; também impõem uma reflexão sobre o dinheiro (CRIDDLE, 2006). Mediante isso, Detoni (2011) destaca de que no contexto familiar, os pais devem compreender que é dever deles educar seus filhos no que compete ensinar valores; os jovens começam muito mais cedo a lidar com o dinheiro em seu cotidiano, consequentemente, força os pais a começarem dialogar sobre o assunto precocemente.

O Instituto de Pesquisa Gallup realizou um levantamento com 150 mil pessoas em 148 países para identificar o número de analfabetos financeiros; os resultados indicaram que - de cada três indivíduos, dois podem ser considerados analfabetos financeiros, sendo que o Brasil ficou no 68º lugar no ranking (ROSSETTO, 2018).

Em relação aos jovens brasileiros, no que tange ao endividamento, um estudo realizado pelo SPC Brasil - Serviço de Proteção ao Crédito (2019) apontou que três em cada dez jovens, ou seja, cerca de 25% com idade de 18 até 30 anos estão endividados. Dessa forma, já começam a vida com contas em atraso e dívidas. Uma parcela desses jovens que fazem parte da geração Z atual não obtém de um controle financeiro, assim realizam compras impulsivas, justificam 22,1% ter preguiça de controlar os gastos e não possuem o hábito pela ausência de disciplina sobre o assunto (SPC, 2019).

Nesse viés, é de suma importância o papel da família no aprendizado dos jovens no que se refere ao comportamento e planejamento financeiro, voltado para o controle de gastos e investimentos (ROSSATO, BESKOW e PINTO, 2019). Todo o processo de educação financeira, se dá a partir da intermediação de informações, instruções e conhecimentos que os pais precisam passar aos filhos, com o intuito de que tenham ciência dos riscos e oportunidades em meio as finanças (FILHO, SILVA e LEVINO, 2020).

Diante disso, o problema em questão é: **Qual o efeito da interação da família no Comportamento Financeiro dos Adolescentes?** Para responder à pergunta em foco, busca-se: analisar o efeito da interação da família no comportamento financeiro dos adolescentes.

Corroborando, Magro, Gorla, Silva, Hein (2018) enfatizam de que o papel dos pais é considerado um fator preponderante para que os adolescentes obtenham uma formação consciente relativo à educação financeira. Ainda assim, os jovens aprendem sobre o assunto de uma forma mais descontraída entre a prática e a observação a partir das ações dos pais.

A pesquisa também se justifica por poder contribuir para os debates envolvendo a educação financeira no Brasil, uma vez que está diretamente relacionada ao entendimento do indivíduo e da sua capacidade orçamentária. Ainda assim, o estudo pode trazer contribuições às famílias, referente às formas de planejamento, tomada de decisões, estruturação de orçamentos; dessa forma, tendo todas essas análises o indivíduo é capaz de realizar reservas significativas a longo prazo.

O presente trabalho está dividido em cinco seções. A primeira constitui essa introdução, na qual foram apresentados a contextualização do estudo, o problema e o objetivo. Na segunda seção apresenta-se o referencial teórico, seguido da metodologia e da análise dos dados. Por fim, estão as considerações finais e as referências desta pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A revisão teórica abrangerá três tópicos, sendo que, o primeiro apresenta os principais conceitos sobre a Educação Financeira; o segundo apresentará o Efeito da Família na Educação Financeira dos Adolescentes; e por último, serão apresentados alguns Estudos Correlatos sobre o tema em questão.

2.1 EDUCAÇÃO FINANCEIRA

A Educação Financeira é compreendida como a gestão de finanças de modalidade básica, ou seja, uma gestão financeira relacionada a conceitos básicos sobre orçamentos pessoais e poupança. Logo, se mostra como sendo um método de desenvolvimento avançado em questão de habilidades para o controle e manuseio das finanças pessoais (SAVOIA; SAITO; SANTANA, 2007). O tema ganhou força após a crise política e financeira global que ocorreu no ano de 2008, sendo que no Brasil virou

uma política de Estado com o Decreto nº 7.397, de 22 de dezembro de 2010. Nele consta a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), a finalidade é de promover a educação financeira que contribuiu para o fortalecimento da cidadania, a eficiência e solidez do sistema financeiro nacional e a tomada de decisões conscientes por parte dos consumidores (BRASIL, 2010).

Nesta seara, é de suma importância que crianças e jovens recebam informações sobre finanças o mais cedo possível, ou seja, desde as séries iniciais nas escolas, pois todo o processo de aprendizagem é longo. A ideia é ensinar nesse momento da vida, para que tenham o conhecimento da economia e, dessa forma, saibam no futuro como administrar e trabalhar com o dinheiro. Além disso, ter conhecimento sobre os juros e a inflação ajuda a planejar as finanças pessoais e as finanças da família de forma consciente e com segurança (JUNIOR; SCHIMIGUEL, 2009; LIMA; DE SÁ, 2010; THEODORO, 2010; SILVEIRA, 2010).

Observa-se que a falta de análise financeira sempre foi um déficit por grande parte dos indivíduos, ou seja, falta de conceitos financeiros adequados traz como consequência a diminuição da capacidade de tomar as decisões corretas (LIMA; DE SÁ, 2010). Corroborando, Silveira (2010) informa que as pessoas têm dificuldades de analisar e compreender as taxas e juros nos produtos das empresas, o que normalmente estão ocultos para justamente camuflar o real valor dos produtos ofertados.

A compreensão sobre as finanças possibilita identificar aspectos que precisam de mais atenção. Atkinson e Messy (2011) e Lusardi e Mitchell (2011), destacam que a falta de conhecimento financeiro é uma realidade global, o que evidencia a precariedade de programas de educação oferecidos à população. Ademais, Rodrigues (2012) ressalta a preocupação de levar a informação e o ensino à sociedade brasileira, para então capacitá-los para o aprimoramento do mercado de capitais.

Para que esse processo possa ser mais eficiente, a educação financeira precisa ser disseminada com mais ênfase sobre a importância dentro do mercado financeiro e de capitais o que provoca um crescimento social e econômico em todo o país, como também a liquidez do mercado. Com isso, pode gerar liquidez no mercado a fim de proporcionar, no futuro, maior controle financeiro, tornar os indivíduos capazes de gerenciar os próprios fluxos financeiros de modo racional, (MEIER; SPRENGER, 2012).

Os adolescentes estão mais presentes na realidade da sociedade para solução dos problemas no que concerne a hábitos de consumo; utilizam os meios de comunicação através da internet com compras on-line no método e-commerce, o que promove níveis elevados de atitudes consumistas entre os jovens (GUDMUNSON; BEUTLER, 2012). As consequências desse processo, traz resultados problemáticos nessa fase, pois com a cultura contemporânea, o crescente número de consumo fomenta vícios, junto de atitudes materialistas, como também comportamentos compulsivos (MANOLIS; ROBERTS, 2012).

No Brasil, a educação financeira tem sido pouco disseminada, mas considerada de extrema importância na parte do ambiente escolar e até mesmo no ambiente familiar. Porém, no momento em que houve um aumento considerável na participação dos adolescentes na economia agregado ao fato de haver um aumento no poder de compra, também ocorreu o aumento de endividamento financeiro (PIRES et al., 2013; BRUHN et al. 2013; CANDIDO; FERNANDES, 2014).

Mette (2015) destaca de que, os indivíduos que obtêm um conhecimento amplo sobre a educação de finanças possuem um desenvolvimento mais avançado sobre o assunto e, por isso, proporciona uma compreensão lógica e decisões maduras. Até porque, o assunto está cada vez mais reconhecido como uma competência importantíssima e crítica no século XXI, e que exige aprimoramento a fim de se obter o crescimento econômico na economia mundial (MESSY; MONTICONE, 2016).

Diante disso, nitidamente, pode-se perceber que países menos desenvolvidos no caso do Brasil, apresentam dificuldades com relação à educação financeira, dentre outros fatores mediante a comunidade; esse cenário gera uma contribuição negativa no desenvolvimento do país para ser estático. Tornar pouca - ou até mesmo em alguns casos nenhuma educação financeira transmitida de pais para filhos - resulta em conceitos financeiros não verídicos (CRUZ et al, 2017).

Todavia, parte dos indivíduos buscam cada vez mais segurança financeira para o futuro, como a questão de praticar o ato de resguardar as finanças com o pensamento na aposentadoria e futuro promissor em desenvolvimento. O mercado financeiro se mostra cada vez mais explícito à sociedade, ou seja, as informações estão disponíveis de fácil procura (VIEIRA; JUNIOR; POTRICH, 2019).

Dessa forma, é compreensivo mais facilmente, assim como consequência, o indivíduo acreditar que administrar as finanças pessoais é algo essencial nos dias atuais para o próprio bem-estar (VIEIRA; JUNIOR; POTRICH, 2019). Portanto, percebe-se então a importância do papel da família quando se trata de educação financeira dentro de casa, pois os pais servem como exemplo e são responsáveis por influenciar seus filhos no padrão comportamental financeiro, o que refletirá no futuro. No próximo tópico apresenta-se uma breve explanação do papel da família na educação financeira dos filhos.

2.2 O PAPEL DA FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO FINANCEIRA DOS FILHOS

O papel da família é importante em relação à educação financeira dos adolescentes, assim o modo como eles aprendem sobre finanças é algo variável, pois são estratégias dos pais para que sigam os valores da família, tudo para o bem dos filhos (BOWEN, 2002). Nesse contexto, Clarke et al (2005) observa que, desde criança, o adolescente aprende sobre as finanças através de discussões entre família, análises de forma prática e por meio da observação do comportamento financeiro dos pais.

Além disso, os pais desempenham um papel importante nesse processo ao influenciar os filhos no comportamento referente ao consumo. Estudos mostram que os jovens aprendem muito mais sobre gestão financeira com os pais, sendo estes grandes influentes (CLARKE et al, 2005; PINTO; PARENTE; MANSFIELD, 2005). As atitudes dos pais, por meio de suas práticas financeiras e suas formas de consumo, impactam no comportamento dos adolescentes na fase adulta (WEBLEY; NYHUS, 2006). Os pais devem compreender que é um dever deles educar seus filhos e ensinar valores como a sociedade impõe, conforme as regras capitalistas; desse modo, as crianças começam a ter noções de se portar com atitudes financeiras, observando os pais (CERBASI, 2006).

É importante evitar que as crianças se tornem compradores impulsivos desde a fase da infância e, como se trata de um assunto relacionado ao futuro dela, os pais precisam ter ciência do cuidado que deve ser tomado e a preocupação com isso deve ser constantemente redobrada, pois escolhas e ensinamentos tomados no presente irão refletir somente no futuro (CERBASI, 2006). Estudos de Edwards, Allen e Hayhoe

(2007) e Jorgensen (2007) revelam que, quando os pais abordam assuntos sobre trabalho e economias no cotidiano, a propensão de que os filhos instigam o poder do conhecimento relacionado ao dinheiro é alta e isso influencia significativamente nas atitudes financeiras.

Ao dar importância na socialização financeira com os filhos, os pais precisam observar de que a criança é como um terreno fértil, aberta a novidades e aprendizados, para isso precisam motivá-las e ensiná-las no caminho correto. Conforme o conhecimento que adquirem, a educação financeira é capaz de instigá-los a utilizar os meios de mesada, cofrinhos aliados a uma boa conversa, sendo considerados como estratégias na educação financeira para serem direcionados a um futuro benéfico (REMUND, 2010).

O estudo realizado por Detoni (2011) destaca que jovens instruídos - desde muito cedo - a conviver com o dinheiro em seu cotidiano, forçam os pais a começarem a dialogar sobre o assunto com os filhos, exigindo dos pais atitudes responsáveis para explicar onde e como os filhos devem gastar seu dinheiro. Os diálogos sobre estudos, carreira e dinheiro estão cada vez mais frequentes, dessa forma, a aprendizagem gerada pode ser mola propulsora de um bom desempenho financeiro deste adolescente no futuro (MELO, 2011; DETONI, 2011).

Poletto et al. (2015) complementa que, por mais que os pais não sabem muitas coisas relacionadas à utilização do dinheiro, o que eles falam aos seus filhos - seja de forma negativa ou positiva relacionado ao assunto, é captado e passado adiante. Assim, se os filhos compreendem o que os pais falam, tudo pode influenciar diretamente no futuro, o que possibilita desenvolver um uso mais comprometido e respeitoso do dinheiro.

Contudo, assuntos relacionados a investimentos futuros são pouco explanados, possivelmente pela formação dos pais e juntamente relacionado à insuficiência de conhecimento perante o assunto. Muitos pais, com grande esforço, tentam desenvolver a cultura de conversar sobre isso com os filhos; dessa forma, nos anos iniciais as famílias procuram discutir sobre o consumismo, por seguinte em investimentos e finalmente em carreira profissional, apoiando e incentivando a decisão dos adolescentes, (MAGRO et al., 2018).

Percebe-se a importância da compreensão e da reeducação financeira de famílias neste contexto global atual; pois como as pessoas deixaram de ter em mente o planejamento das finanças com todos os impactos na economia já existentes, foi preciso se adequar novamente com essas práticas e, dessa forma, passar adiante aos filhos. Ademais, o comprometimento e controle das finanças são capazes de gerar níveis melhores de cidadania, e incentivar os indivíduos a observar suas atitudes e projetar o seu futuro (VIEIRA; JUNIOR; POTRICH, 2019).

Corroborando, os estudos de Vieira, Junior e Potrich (2019) destacam que o país está em desenvolvimento, consequentemente, vem conquistando espaço no crescimento econômico. Tudo isso leva a crer que a população também se conscientize cada vez mais para que opte por desenvolver esses hábitos familiares econômicos, em prol de uma segurança eficaz para o futuro e o aperfeiçoamento das decisões financeiras.

A oportunidade de ter uma educação financeira por parte da família mostra como controlar todo o contexto econômico que gera o consumismo e descontrole financeiro, como também, apresenta maneiras corretas de planejar e poupar os recursos. No capítulo a seguir, serão apresentados estudos recentes sobre a educação financeira e como as famílias lidam com as finanças pessoais dentro de casa junto aos filhos e como as influências sociais podem interferir nas decisões e no comportamento dos indivíduos por meio de escolhas importantes.

2.2 ESTUDOS RECENTES

A partir de pesquisas bibliométricas realizadas nas bases de dados Spell e Scielo, com o intuito de buscar trabalhos que abordam o tema educação financeira, foi possível identificar uma quantia considerável de estudos recentes sobre o tema. Uma vez identificados, foram selecionados cinco artigos aos quais estão mais relacionados ao tema em questão, que serão brevemente explanados.

Estudos mostram que fatores como a educação financeira praticada desde cedo pode influenciar futuramente. Dessa forma, a pesquisa de Candido e Fernandes (2014) buscou verificar através de estudantes de pós-graduação de uma instituição de ensino no estado de São Paulo, se o nível de endividamento está relacionado a educação financeira de qualidade em meio a infância e adolescência. A pesquisa foi qualitativa e

quantitativa, com participantes de 27 anos a 36 anos. Na percepção dos respondentes, a educação financeira na infância e adolescência é a fase mais importante para o construto do intelecto. Portanto, muitos dos entrevistados se consideram pessoas endividadas por não saberem como administrar as finanças e não ter tido o determinado conhecimento.

O estudo revela de que a população mais jovem não possui conhecimento dos tempos em que houve uma instabilidade econômica do país. A facilidade de crédito, hoje, deduz um alto índice no que tange o endividamento da população. O endividamento dos indivíduos considerados à geração ao qual não teve uma educação desde cedo não conseguem administrar os recursos próprios, pois estes são voltados ao poder do consumo e sem ter uma base de educação financeira geram cidadãos despreparados para lidar com o lado financeiro da vida adulta (CANDIDO; FERNANDES, 2014).

Portanto, cabe destacar de que Mette e Matos (2015) analisou estudos que retratam a educação financeira no Brasil e no mundo. A partir de uma análise pelo método qualitativo na qual, alguns artigos utilizados foram a partir de dados primários e secundários para a análise, já outros foi utilizado dados disponíveis como publicações, pesquisas e relatórios.

Foi possível perceber de que o maior desafio ainda está no fato de que os países, incluindo o Brasil, carecem de um bom programa de incentivo à educação financeira e da conscientização da população de sua importância. Obviamente, o problema tem raízes na educação básica da população, esse o principal diferencial entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos, (METTE; MATOS, 2015).

Para tanto, neste estudo considera-se de que a inclusão de programas de educação financeira é uma prioridade nas políticas públicas adotadas no Brasil. A necessidade por priorizar essa questão, por parte do governo do país, na educação e da alfabetização financeira, apontam para uma influência positiva no que se refere ao consumo e o endividamento da população, resultando num consumo menos impulsivo, capaz de gerar um crescimento econômico a médio e longo prazo, (METTE; MATOS, 2015).

O estudo elaborado por Magro et al. (2018) cujo objetivo dos autores foi diagnosticar como a presença do grupo familiar interfere a partir das decisões financeiras dos filhos na fase da adolescência. Para que fosse possível, os autores

realizam uma pesquisa quantitativa, aplicada por meio de questionários com 1.900 alunos do ensino médio na região Sul do país. Os principais resultados sugerem de que o ato de se obter uma poupança pode depender, da família na vida do adolescente, além de outras influências. Porém em alguns casos apenas a família sendo fonte de orientação pode limitar os jovens em determinados conceitos, dessa forma a atuação da escola nesse processo é de suma importância por poder abranger em alguns pontos melhor eficácia o tema.

Nesse estudo, as escolas analisadas não tratavam da educação financeira em seus componentes curriculares, e dessa forma o nível de educação relacionado a finanças dos adolescentes foi diagnosticado como fraco. Por esse motivo, os alunos têm absorvido conhecimento financeiro somente através dos pais, e não no ambiente escolar. Porém, o diálogo no ambiente familiar sobretudo é restrito em questão à poupança e consumo, assim é possível analisar de que estes resultados indicam a necessidade de uma reflexão maior e mais precisa sobre a educação financeira na grade curricular de ensino escolar (MAGRO et al, 2018).

Em uma pesquisa de Gonçalves e Ponchio (2018), buscou-se demonstrar o efeito causado pelo conhecimento financeiro e da orientação para o futuro no nível de segurança financeira pessoal e, identificar se o conhecimento financeiro é uma variável mediadora no momento de orientação para o futuro e segurança financeira pessoal. Como resultado, a partir de uma pesquisa quantitativa descritiva através de uma “Survey” com 378 participantes com idades entre 25 e 50 anos, puderam identificar que indivíduos altamente educados financeiramente apresentam níveis elevados em relação a segurança das finanças pessoais, consequentemente possuem pensamento voltado ao futuro financeiro, ou seja, a prática de poupança com intuito de projetar a vida a longo prazo.

Orientações dadas de forma eficiente sobre as finanças dos pais aos filhos, leva um maior interesse pelo conhecimento que, por sua vez, converte-se em uma maior segurança financeira. A pesquisa permitiu formular hipóteses referente às orientações, cujos resultados apontam que os indivíduos voltados ao futuro apresentam níveis mais elevados de segurança financeira pessoal o que leva a entender de que possui uma projeção da vida financeira a longo prazo e que tais variáveis se relacionam em um

efeito de mediação aumentando a segurança financeira dos indivíduos, (GONÇALVES; PONCHIO, 2018).

Já Vieira, Junior e Potrich (2019), procuraram explorar o nível de conhecimento dos indivíduos em relação a inflação, taxa de juros, valor do dinheiro no tempo, risco, retorno, diversificação, mercado de ações, crédito e títulos públicos. O método de estudo foi por meio de caráter descritivo e quantitativo, com aplicação de questionário para o alcance de 1.576 pessoas, assim foi possível observar de que perante aos respondentes há níveis baixos de pessoas que possuem ensino fundamental completo ao qual dominam parte dos conhecimentos básicos de finanças e apenas pouquíssimos destes conseguem obter uma proficiência alta. Além disso, os que possuem ensino médio completo contém um conhecimento mais evoluído sobre os conceitos, atingindo a proficiência alta de conhecimento.

De fato, para que no futuro seja possível uma análise multidimensional dos efeitos das medidas que o Brasil, ou qualquer outro país, adote para melhoria da educação financeira, é indispensável que, entre as diversas dimensões de análise, seja incluída uma dimensão relativa à proficiência, da qual o indicador de educação financeira pode ser um dos parâmetros. Nesse sentido, melhorar a educação financeira resultará em cidadãos mais conscientes de suas decisões de consumo, menos propensos à inadimplência e mais capazes de realizar uma adequada gestão financeira familiar, (VIEIRA; JUNIOR; POTRICH, 2019).

Para tanto, a influência do pai e da mãe é essencial para o comportamento futuro do indivíduo, ou seja, é possível observar de que filhos de pais com um nível de graduação ou superior na educação tendem absorver além de conhecimentos básicos, passam a dominar conhecimentos mais avançados em meio ao mercado, pois os pais já possuem uma experiência quanto às ações. Ainda assim, mesmo que os pais possuem apenas o nível de ensino fundamental, parte dos entrevistados sendo 27%, buscam obter pelo menos o domínio do conhecimento básico de finanças, (VIEIRA; JUNIOR; POTRICH, 2019).

Nesta ideia, é possível destacar de que os estudos recentes apresentados, referente ao assunto educação de finanças reforçam a ideia de que muitos países carecem no que tange ao assunto proposto, e não possuem dentro de suas políticas um programa adequado para a população. Dessa forma, é considerada fraca toda essa

educação, pois os indivíduos não possuem noção de compras e gastos, assim não conseguem administrar e controlar as finanças. Contudo, o que pode ser analisado é que apenas uma parcela da população conta com conhecimentos relevantes sobre o tema, normalmente filhos de pais que possuem um nível elevado de ensino referente às finanças pessoais sabem como administrá-las. Nessa ideia, os filhos desses pais possuem uma grande influência sobre o conhecimento, assim podem apresentar um desenvolvimento avançado ao assunto comparado à demais adolescentes.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No que concerne ao estudo, a pesquisa é teórico-empírica, já em relação aos objetivos, a pesquisa assume um papel descritivo. Quanto aos procedimentos metodológicos, a pesquisa foi realizada na forma de levantamento com a utilização de dados primários. Dada a natureza qualitativa (FLICK, 2009) deste estudo, optou-se como principal técnica de coleta de dados a realização de grupos focais, pois, segundo Yin (2015) é possível explorar as informações com maior profundidade. Gui (2003) ainda esclarece que os grupos focais podem ser considerados grupos de discussão, sendo que a ênfase está na interação dentro do grupo. Para ambos os autores, esta técnica permite aprofundar detalhes contextuais e opiniões, como é o caso da Educação Financeira.

Para a seleção e organização da aplicação do grupo focal, se torna fundamental ter claro os critérios para a inclusão dos participantes, (SILVA-JÚNIOR, SILVA; MESQUITA (2014). Os entrevistados foram divididos em dois grupos focais, com no máximo 08 participantes em cada sessão. Ressel *et al* (2008) aconselha que os grupos focais sejam organizados em grupos menores, pela carga emotiva e alto nível de envolvimento que o método gera.

A escolha dos participantes ocorreu de forma não probabilística, alguns de forma presencial e outros através das redes sociais. Pela acessibilidade, foram convidados grupos de pais e de adolescentes que residem na região Oeste de Santa Catarina, mais precisamente da cidade de Itapiranga. Destaca-se que se considera adolescentes as pessoas entre 12 a 16 anos. Para a coleta de dados, foi elaborado um roteiro a partir da pesquisa elaborada e validada por Magro *et al* (2018). Cabe destacar que as questões do

roteiro serviram como apoio para contextualizar o tema e fornecer a pergunta para análise. A condução da pesquisa seguiu conforme roteiro operacional apontados por Silva-Júnior, Silva e Mesquita (2014):

1. Roteiro: As questões utilizadas foram de modo abertas, ou seja, perguntas as quais os participantes traziam suas respostas, assim sendo 14 perguntas pertencentes ao grupo focal dos pais e 12 do grupo focal dos filhos, com a objetividade de trazer o conhecimento financeiro, hábitos de poupança, relacionamento familiar financeiro. **2. Seleção dos participantes:** Buscou-se contatar os responsáveis (pais e mães) e adolescentes da região que tivessem contato por proximidade, sendo no total 8 pais e 8 adolescentes da mesma família. Como não há um consenso geral na literatura sobre o número ideal de participantes, optou-se por fazer grupos menores de participantes, para que todos pudessem participar. (SILVA-JÚNIOR, SILVA; MESQUITA, 2014). Para a seleção dos participantes, o principal critério era ser pai e filho adolescente, ou seja, pertencer à mesma família. **3. Condução:** Os grupos focais foram conduzidos pelas pesquisadoras, que contataram os pais o que facilitou também a integração entre os membros de cada grupo focal. Os grupos foram conduzidos com perguntas já estabelecidas, no intuito de discutir o tema. Assim, as pesquisadoras fizeram as perguntas para que todos pudessem responder, sendo uma pergunta de cada vez. **4. Análise e Interpretação dos Dados:** Em decorrência da necessidade de isolamento social na data, optou-se pela realização dos grupos focais por meio de web conferência, pelo aplicativo Google Meet, sendo gravado para garantir a integridade dos dados e discussões, tornando mais fidedignas as análises.

No desenrolar dos grupos focais as conversas foram conduzidas de forma relativamente informal sobre as questões que abarcam o tema central e, principalmente, sobre as provocações das pesquisadoras em relação aos construtos destacados na análise deste estudo. Para a interpretação dos resultados optou-se pelo discurso informacional qualitativo fundamentado pela denominação de análise de conteúdo, cuja vertente analítica trabalha com o relacionamento entre o discurso manifesto e o discurso latente (GODOI, 2006). O procedimento adotado da análise de conteúdo é a seleção de materiais parafraseados como relevantes para a construção de significados, conforme aborda Flick (2013).

Cabe destacar que os procedimentos metodológicos estão em obediência aos preceitos éticos implicados na pesquisa com seres humanos, conforme a resolução do Conselho Nacional de saúde (196/96), como também do Conselho Federal de Psicologia (16/2000) e juntamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa ao qual foi enviado, que incluem o sigilo quanto à identidade dos participantes e à liberdade de adesão voluntária ao estudo bem como a garantia da utilização dos dados para fins específicos deste estudo. A partir da contextualização do método, seguem as discussões e respectivas análises.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

O grupo focal dos pais teve duração de 1 hora e 12 minutos, já o dos adolescentes teve 1 hora de duração, além disso, as entrevistas aconteceram em dias distintos, com um intervalo de uma semana. As características dos pais (Pai A, Pai B....) e dos adolescentes (Filho 1, Filho 2...) são sintetizadas nos Quadro 1 e 2:

Quadro 1. Descrição da caracterização dos respondentes (Responsáveis)

Entrevistado	Idade	Gênero	Ensino	Renda	Cargo/Função
Responsável A	44	Masculino	Fundamental	Entre 4 a 6 salários	Agricultora
Responsável B	44	Masculino	Superior	Entre 4 a 6 salários	Agente de Atendimento
Responsável C	32	Masculino	Médio	Entre 1 a 3 salários	Vendedora
Responsável D	34	Masculino	Fundamental	Entre 1 a 3 salários	Fiscal de COVID
Responsável E	34	Feminino	Superior	Entre 1 a 3 salários	Agente de Atendimento
Responsável F	34	Masculino	Pós-graduação	Entre 1 a 3 salários	Agente de Atendimento
Responsável G	33	Masculino	Pós-graduação	Entre 1 a 3 salários	Agente de Atendimento
Responsável H	36	Feminino	Médio	Entre 1 a 3 salários	Comerciante

Fonte: Elaborado pela autora

Quadro 2. Descrição da caracterização dos respondentes (Adolescentes)

Entrevistado	Idade	Gênero
Filho A	16	Masculino
Filho B	12	Masculino
Filho C	13	Masculino
Filho D	12	Masculino
Filho E	16	Feminino
Filho F	15	Masculino
Filho G	12	Masculino
Filho H	15	Feminino

Fonte: Elaborado pela autora

A seguir, os resultados do trabalho estão estruturados em três categorias, assim definidas: Finanças Pessoais, Comportamento Financeiro e Educação Financeira que

foram organizadas a partir da elaboração das questões que nortearam as discussões dos grupos focais.

4.1 FINANÇAS PESSOAIS

Quando se trata do modo de organização das finanças, os pais apontam que realizam um planejamento dos recursos da melhor forma possível, com a utilização de planilhas, aplicativos e agendas com o intuito de obter um controle melhor das contas e investimentos futuros, o que contribui para o bem-estar financeiro. “Cada mês existem boletos para serem pagos, prestações, rancho, sempre tem coisas para pagar, deixamos tudo organizado para fazer o pagamento no dia e vamos evoluindo assim e não é tudo anotado na ponta do lápis. Cada dia é revisto as contas, dias de vencimento que se aproximam para poder efetuar o pagamento” (Responsável A). Outro responsável destaca: “Possuímos uma planilha onde fazemos o acompanhamento de todas as contas, fazem uma projeção de 1 a 2 meses pra frente. A questão de investimento a longo prazo, é feito separado, mas a questão de custos tem uma planilha que acompanhamos” (Responsável B).

Nesse contexto, Silva et al (2020) ressalta que, quando o indivíduo resolve adotar práticas financeiras em seus planejamentos e controles, como o que se refere a utilização de métodos tecnológicos, adquire uma maior compreensão sobre o assunto a cada dia, não deixando que o endividamento seja o problema. Assim, é possível obter uma qualidade de vida financeira consciente. Porém, a Pesquisa Nacional de Endividamento e Inadimplência do Consumidor realizada em novembro de 2018 aponta que duas entre dez famílias brasileiras possuem mais da metade da renda mensal comprometida com o pagamento de dívidas, (CNC, 2018).

Ao mesmo tempo, percebe-se que alguns pais não possuem um planejamento das finanças pelo fato de que existem prioridades como as contas fixas. Além disso, destacam de que pecam nesse processo de não obter uma melhor organização nas contas. “Não planejamos e nem anotamos no papel as contas, é apenas conversado e assim sabemos mais ou menos os valores e quantias que possuímos. Mas conversamos caso é preciso comprar alguma coisa de um valor maior, sempre é conversado antes de comprar, para ver se há possibilidade ou não” (Responsável C). “Bem sincera não

possuímos planilhas ou aplicativos para organizar as contas, pecamos bastante neste sentido. Vamos priorizando as contas, pagamos o aluguel, luz, água e o que sobrar as vezes, aparece sempre algo (o que é muito pouco sobrar), que pecamos por não ter organização melhor nas contas” (Responsável D).

Gomes (2018) ressalta que de acordo com o abordado, o controle das finanças é como um ponto de equilíbrio onde é possível avaliar as ações tomadas, dessa forma, alguns pais apresentam de que não exercem esse controle. Por isso, caso não exercido esse planejamento, é um item que precisa de correções na prática dos indivíduos. Para a tomada de decisões nas finanças, as famílias apresentam estilos diferentes de perfis financeiros com uma ideia geral de que costumam ser moderadores aos gastos, gastando apenas o essencial.

Além do mais, os pais tentam investir no que é possível no momento com um olhar para o futuro, como também tentam fazer ao máximo para guardar algum dinheiro na poupança. “Somos conservadores, compramos uma coisa e pagamos, não somos de gastar dinheiro à toa, gastamos com o essencial. Claro, que também surgem coisas no meio do mês sempre, manutenção de aparelho, roupas, tentamos poupar o que dá e muitas vezes não conseguimos guardar dinheiro” (Responsável D). Ainda mais, “Perfil moderador, não é todo mês que conseguimos ter um valor para aplicar. Meu marido não possui um salário fixo todo mês então as vezes se apertamos nas contas, mas sempre tentamos não deixar nenhuma conta em aberto” (Responsável E).

Neste olhar, Silva (2018) reafirma que os indivíduos que possuem perfis de conservadores e moderadores possuem um olhar mais para a questão no que vai resultar o investimento, caso não dê certo, ainda assim, planejam muito bem como será investido o dinheiro para que não tenham prejuízo. Seguindo esse sentido, aos pais a cultura de dar mesada aos filhos não se faz muito presente nas famílias entrevistadas, muito pelo fato de entenderem que os filhos não precisam disso.

Como moram em casa, os pais são responsáveis por atender as necessidades existentes dos filhos, dessa forma há poucos casos em que os filhos recebem algo, e os pais procuram ensiná-los como trabalhar com o dinheiro. “Possuímos uma filha de 11 anos e um adolescente de 16 anos, ambos não ganham mesada” (Responsável A). “O Kailan possui mesada, mas um valor bem baixo sendo razoável para ele, para então ele aprender a poupar. Pois quando pequeno era muito gastador, e então começamos a

ensinar ele a administrar o dinheiro e com isso ele realmente aprendeu, pois como era o dinheiro dele, ele não queria mais gastar por que ele sabia que se fosse ir economizando o valores final seria mais alto” (Responsável F).

Nesse preceito, a mesada é um instrumento significativo para o adolescente saber trabalhar com o dinheiro, com também tomar decisões de compra e se tornar um cidadão consciente perante as finanças, além do mais desenvolve à eles, o conceito de saber diferenciar o dinheiro próprio com o dos pais. Entretanto, os pais por não proporem esse ensino podem estar desestimulando essa capacidade desde cedo (D’AQUINO, 2008).

Durante o diálogo, percebeu-se que apenas um dos filhos ganha mesada, os demais apontaram que os pais não possuem este hábito, uma vez que quando precisam de alguma ajuda pedem aos pais. Além disso, nos diálogos ressaltaram que não possuem o interesse pois acreditam que não precisam.

Ficou evidenciado de um modo geral, que mesmo os pais que não praticam o ato de dar uma mesada, discutem sobre as questões financeiras. Os pais conversam em casa sobre a importância do dinheiro que recebem, sobre investimentos futuros e a necessidade de aplicar os valores em poupança para obter rendimentos. “Conversamos sobre o assunto, pois o filho mais velho pensa já em investir na propriedade pelo fato de que futuramente ele já sabe que vai gerir a propriedade da família. Já a filha mais nova pensa em poupar para futuramente fazer uma faculdade, de repente uma pós e depois ir trabalhar fora de casa” (Responsável A). “Hoje os filhos sabem a importância de cuidar do dinheiro, conversamos com eles a questão de poupança que tem para os dois, previdência que eles tem ao qual eles tem ciência de valores que possuem, rendimento, comentamos de que precisam deixar lá o dinheiro para obter rendimento” (Responsável B).

Por não introduzirem a mesada aos filhos, os pais se preocupam em passar uma educação financeira sem a essa condição; dessa forma, os mostram de que forma utilizar o dinheiro da melhor maneira, saber diferenciar as emoções das necessidades e mostrar uma boa administração. Isso reflete e traz consequências positivas e agradáveis na vida financeira no futuro (GITMAN, 2010).

Já no que tange aos filhos, alguns destacam de que guardam o dinheiro que ganham às vezes, com intuito de que possam acumular valores para poder comprar algo

que tanto almejam, saindo do próprio bolso. Além do mais, alguns pedem opiniões aos pais sobre o que fazer com o valor que possuem, caso contrário guardam. “O dinheiro que ganho, às vezes, guardo e peço pros meus pais com o que eu posso gastar esse dinheiro, mas se não eu guardo o valor” (FILHO C). “Com o dinheiro que ganho, meus pais não dizem o que eu preciso fazer com o dinheiro eles me dão recomendações, então eu sento e analiso o que é melhor para mim” (FILHO H).

Conseguir trabalhar nos filhos essa visão de guardar o dinheiro traz consequências assertivas no futuro em todos os aspectos, pois esse desafio que a família tem é necessário ainda com os filhos crianças, com isso, podem deixar claro os conceitos relacionados desde muito cedo, o que torna mais fácil os desafios a serem enfrentados no futuro do cotidiano dos filhos (LIMA & DE SÁ, 2010).

Os filhos dessa geração são adolescentes que conversam sempre com os pais sobre seus gastos, seus interesses em determinado conteúdo, pois a maioria gosta de ouvir uma opinião dos pais se pode ou não comprar, se é necessário ou não. “Meus pais sempre sabem o que eu gasto, pois é o dinheiro deles que eu compro as coisas” (FILHO A). “Sempre peço aos meus pais se posso comprar determinada coisa, aí peço dinheiro para eles e mesmo dessa forma falo sempre o que quero comprar para eles antes de receber o dinheiro” (FILHO E).

Assim, durante essa fase, os pais que trazem essa socialização econômica em casa formam junto aos filhos valores, atitudes e habilidades que podem ou não trazer condutas positivas como negativas no futuro. Nessa idade, muito provável que por agirem dessa maneira, imitam inúmeros aspectos de consumo dos pais, ou seja, os pais são espelhos para os filhos, (VIEIRA; KILIMNIK; NETO 2016).

Os pais, por terem tido maior dificuldade financeira, tiveram um início de administração das próprias finanças bastante complicado, pois não tinham conhecimento necessário para enfrentar os desafios que surgiam. “Quando casamos tivemos dificuldades na questão da herança dos irmãos do meu marido para pagar, mas poupando e trabalhando conseguimos superar, pegamos dinheiro no banco para investir na propriedade, então trabalhamos para devolver o valor ao banco e hoje continuamos trabalhando e investindo” (Responsável A). “O nosso primeiro filho teve com 20 anos, eu estava na metade da faculdade não foi fácil, trabalhamos, cortamos tudo o que era diversão, saídas (passeios), trabalhamos em prol de dar educação para ele, com isso

conseguimos poupar, construir a nossa casa própria, fazer aquisição do primeiro trator ao qual o marido tinha para começar a trabalhar fora. Dessa forma superamos e conseguimos crescer na vida” (Responsável F).

Seguindo a esse contexto, Silva et al (2020) colabora quando afirma que o endividamento sempre foi algo difícil de se tratar com o indivíduo que tende a se localizar em momentos delicados na vida sem o conhecimento suficiente para mudar. Problemas relativos à gestão dos recursos sempre há e podem ser inúmeras variáveis, mas as mais comuns são as emoções relativas à vontade do indivíduo e aos imprevistos do cotidiano, (TOLOTTI, 2012).

4.2 COMPORTAMENTO FINANCEIRO

O comportamento financeiro se refere ao modo como o indivíduo se comporta perante o dinheiro. Dessa forma, as variáveis comportamentais podem afetar as decisões de tomadas de decisões, o que pode causar consequências significativas (BITTENCOURT et al. 2018). Nesse contexto, os pais utilizam métodos específicos ao quais acreditam ser a melhor forma para o momento de administrar os recursos da família e assim, aos poucos os filhos possuem uma perspectiva de como pode ser feita essa administração. “O dinheiro que a nossa família faz é pago as contas fixas e o resto é armazenado na poupança que eles têm. Acredito de que está tudo administrado corretamente, pois meus pais sabem administrar corretamente, sabem o que tem para pagar e o restante é guardado” (FILHO A). “Na hora de comprar algo, meus pais sentam e planejam juntos, olham se é possível comprar determinada coisa. Primeiro pensam em pagar as contas que possuem, depois se possuem algum dinheiro sobrando pensam em investir em outra coisa ou se futuramente querem adquirir algo com um valor maior vão economizando” (FILHO F).

Nessa lógica, o planejamento que os filhos comentam que os pais têm, contribui para que os filhos possuam padrões comportamentais parecidos no futuro, sabendo elaborar um planejamento financeiro na gestão dos recursos (GOMES, 2018; SILVA et al, 2014). Diante disso, o diálogo entre família no momento da adquirir algo é essencial. Dessa forma, os pais destacam que, em casa, sentam e conversam no momento da decisão de comprar algo, pois é necessário avaliar a compra.

De momento, coisas que vultam em valores mais altos são as principais conversas em família para tomar uma decisão correta. “Primeiro é sempre sentado e conversado sobre o que podemos adquirir primeiro, se for um valor mais alto é visto em quantos anos precisa ser pago, se for durante o mês pequenas coisas não conversamos. Coisas maiores é sentado conversado, como e quando podem ser pagas” (Responsável A). “Coisas corriqueiras normais que possuem mensalmente não planejamos, mas o que for avulto em coisas maiores ou coisas novas investimento, isso é sentado e planejado” (Responsável F).

Prado (2013) esclarece deve ser feita a organização pessoal nas famílias, com o intuito de ser conversado entre todos sobre diferenciar os desejos relativos ao consumo e não exagerar nos limites, o que significa exercitar e disciplinar a qualidade de consumo para a vida toda. Corroborando, os filhos são atraídos diariamente pelas tecnologias para adquirir determinadas coisas.

Nesse quesito, os filhos destacam que, quando querem comprar algo, os pais sentam e conversam, principalmente quando for algo de valor maior e se é necessário ou não. “Nossa família não senta para conversar muito, normalmente no que diz respeito a roupas eu quase nunca compro, é sempre meus pais quem compram. Já se são coisas mais caras que eu quero é sentado e conversado” (FILHO A). “Geralmente o que eu quero comprar são coisas baratas, então não tem a necessidade de sentar e conversar com os meus pais, roupas são eles que compram sozinhos, então normalmente não é sentado e conversado” (FILHO G).

A necessidade de avaliação ao adquirir algo precisa ser cuidadosamente analisada, visto que a partir disso é possível observar se há benefícios com a escolha (COSTA; ANGELO; FARIAS 2020). Neste viés, Wang, Lin e Spencer (2019) explicam que, em alguns casos, os indivíduos não têm consciência do que as emoções e motivações geram, não avaliam as compras e assim, ao serem guiados por essa força, não há controle nas tomadas de decisões.

Durante as falas, os pais indicaram que seus filhos são bem tranquilos em questão de gastar dinheiro, entendem quando não é possível adquirir algo, como também, são bem cuidadosos com o dinheiro próprio; praticam o ato de guardar o que possuem para futuramente poder comprar algo que vale a pena. Resultado disso, Melo (2011) expressa que, mesmo que os pais enfrentam algum tipo de dificuldade financeira,

não poupam os filhos de enfrentar a realidade e entendê-la, como também trabalham a conscientização da redução de gastos.

Nesse contexto, os filhos também possuem suas perspectivas de como é o comportamento de seus pais financeiramente, pois observam o que acontece dentro de casa quando o assunto são finanças. “Acredito de que meus pais planejam bastante para comprar algo, pagam as contas que possuem e guardam dinheiro para pagar as contas também. Gastam apenas com o necessário e investem quando tem possibilidade, são mais conservadores com o dinheiro” (FILHO D). “Acredito que meus pais são mais moderadores, compram apenas o que precisa, não são de gastar muito e preferem ter as coisas mais simples, mas as contas estarem sempre em dia. E quando a família precisar de algo ter o dinheiro necessário” (FILHO F).

Nesta perspectiva, Lusardi e Mitchell, (2014); Netemeyer et al, (2018) destacam que quando os pais apresentam esse tipo de comportamento e ainda assim a partir da visão dos filhos, esses pais procuram se manter seguros perante imprevistos na família, conter um planejamento ideal perante as finanças para adquirir algum patrimônio futuramente, como também, manter o padrão de vida junto aos filhos.

4.3 EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Campos (2013) relata que educação financeira é uma prática social, ela traz uma contribuição no papel de entendimento da administração de finanças pessoais (BORGES, 2013). Durante as discussões, ficou evidenciado que os pais consideram importante trazer assuntos como esse para os filhos, pois trazem resultados importantes para o futuro.

Dessa forma, trabalham a importância que o dinheiro possui, controle de gastos, pesquisa de preço, diferença do que é necessário e o que são apenas emoções do momento. “Conversamos sobre poupança, investimento a longo prazo que possuímos e investimentos na propriedade” (Responsável A). “É conversado sobre a importância de guardar dinheiro, de poupar, controlar a questão dos gastos. Não adianta sair comprar tudo o que está na frente, mas que é importante fazer um planejamento financeiro, guardar dinheiro para uma possível emergência ou investimento futuro” (Responsável B).

Com isso, o envolvimento da família no que concerne aos assuntos financeiros é muito importante, pois estimula uma troca de informações e ainda mais um aprendizado aos filhos; até por que, despesas todos têm. E isso permite que os pais possam ensiná-los como administrar as finanças (SAVÓIA; SAITO; SANTANA, 2007). Grande parte dos pais buscam conversar sobre finanças em casa, e dessa forma, introduzem um desenvolvimento financeiro consciente e avançado, por isso, os filhos sabem a diferença do valor do dinheiro dos pais e o próprio. “Eu estou sempre presente nos assuntos quando se tratar de comprar algo para a propriedade, sobre máquinas ou algo mais próximo, escuto o que os pais falam, dou opinião. Eu também sei que possuo uma poupança, então quando ganho algum dinheiro em datas comemorativas coloco nessa poupança, como meus pais também ajudam” (FILHO A).

“Sempre participo das decisões de compras, principalmente com as decisões da firma do meu pai em relação a compras maiores. Quando o pai decide comprar algo, sentamos e conversamos, cada um relata suas ideias sobre o assunto, como também sugestões. Em questão de guardar dinheiro, desde pequena sempre fui ensinada o valor do dinheiro, que não pode ser gastado à toa, não possuo poupança em banco, mas sempre quando ganho algum valor, procuro guardar para poder comprar alguma coisa quando eu precisar realmente e não com coisas que não precisa necessariamente.” (FILHO E).

Por sua vez, os filhos que têm a oportunidade de acompanhar as atividades financeiras dos pais estão mais propensos ao planejamento, poupança e investimentos, proporcionando uma condição de vida consciente às finanças pessoais (MITCHELL e LUSARDI, 2015). Nesse propósito, dialogar sobre o dinheiro e rendimentos familiares é importante no convívio entre a família, porém pela idade, a grande parte dos pais não abre questões sobre esse assunto com os filhos, pois dão a entender que eles não estão preparados para receber esse tipo de informação.

“A questão dos valores que recebemos não temos aberto com os filhos, apenas comentamos de que recebemos salários e tem certos valores, a questão de rendimento familiar, não gastar demais é comentado com os filhos, porém valores não sabem” (Responsável B). “O Bruno não participa ainda da conversa. Não sabe quanto cada um dos nós ganha, não participa das contas, nada. Não sentamos e conversamos com ele ainda, ele não tem noção” (Responsável D). Pode ser uma tarefa difícil para os pais

direcionar o filho, moldar e fazê-lo entender como administrar os recursos. Toda essa educação que os pais passam não será apenas usada em um momento único e – sim, para a vida toda (CARVALHO e SCHOLZ, 2019).

Entretanto, mostrar o que envolve valores dentro de casa é tarefa para os pais que possuem filhos com uma idade mais avançada e entendem que eles estão com um desenvolvimento significativo e, assim, podem já estar a par do que acontece financeiramente. O conhecimento que esses pais passam aos filhos da nova geração, se resume na disseminação no futuro e essa educação resulta em um indivíduo com um desenvolvimento mental essencial e, com o passar do tempo, aprimora e desenvolve um amadurecimento pessoal na vida (KRÜGER, 2014).

Dessa forma, os filhos que não participam das conversas financeiras, afirmam realmente o caso. Nesse aspecto, os filhos avaliam que todo o conhecimento que possuem sobre às próprias atitudes financeiras, assim, se consideram pessoas poupadoras, não gastam à toa o dinheiro que possuem, ainda mais com a compra de algo que não é extremamente preciso. “Não gosto de ficar gastando e esbanjando dinheiro, pois quando se tem o próprio dinheiro mesmo sei qual é o valor dele tendo mesmo e pegando dos pais” (Responsável A). “Não sou gastador, não gasto por qualquer coisa. Prefiro economizar para obter um valor maior, para querer comprar algo poder comprar com o meu próprio dinheiro, como um celular” (Responsável F).

Esse pensamento traz à tona o quanto os pais influenciam nas decisões dos filhos, os ensinam da melhor maneira possível para que levem esse conhecimento no futuro. Assim, para Lizote, Simas e Lana (2012), o indivíduo se comportar dessa forma resulta diretamente de forma positiva no futuro. E isso faz com que possa tomar decisões conscientes futuramente. Portanto toda a temática em volta das decisões financeiras com o dinheiro familiar apresenta reflexões no que tange às relações que os pais possuem com o dinheiro, emoções e atitudes, ou seja, como isso é trabalhado no cotidiano.

E assim, destacam que precisam ter mais razão na vida, ter consciência dos gastos, saber dosar as emoções ainda mais com os filhos para não gastarem além do que possuem. “Na família é mais a questão de razão, pois temos que ser assim se não gastamos além do que possuímos, mas a questão dos filhos, trabalhamos fortemente

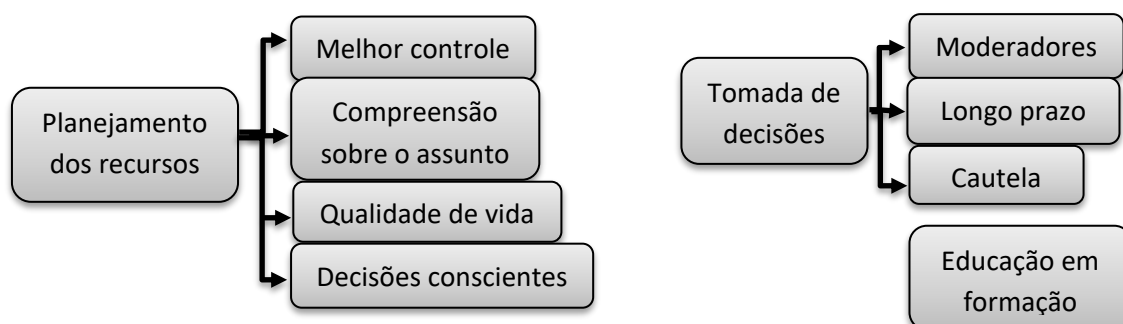
essa questão de razão. Pois se deixar, eles são muito da emoção ainda pela idade, mas aí é preciso explicar como funciona” (Responsável B).

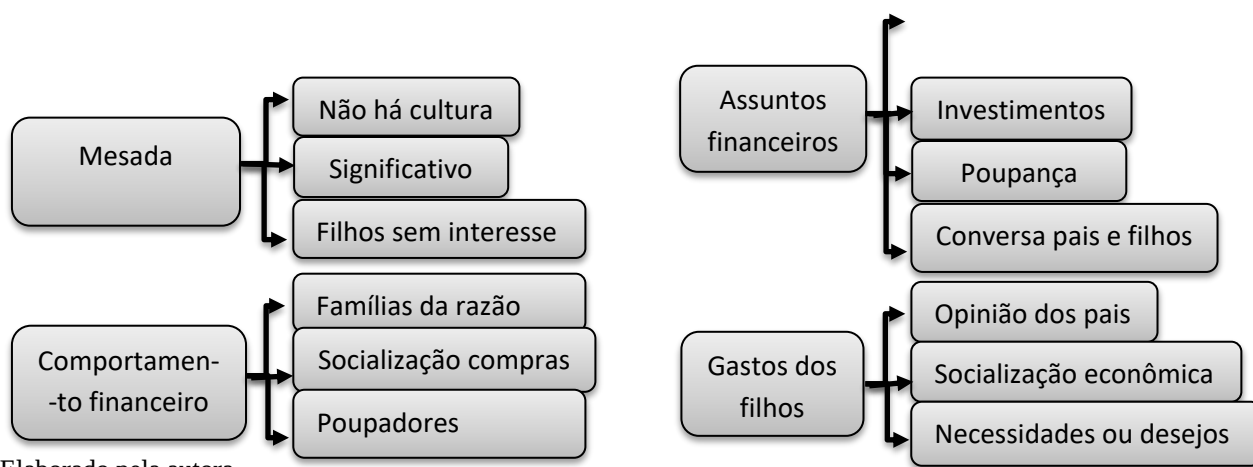
“Em casa trabalhamos mais com a razão, tudo bem que as vezes nossos filhos por estarem na fase que estão é bastante joguinho no celular com os colegas, então o que as vezes o Kailan pede “pois o amigo tem”, não liberamos ele a gastar dinheiro com joguinho do celular de maneira nenhuma por que é um dinheiro que gasta e é jogado fora. Assim incentivamos ele na razão, ele é bem tranquilo, não é gastador e poupa” (Responsável F).

O trabalho realizado em casa com os filhos da maneira como esses pais executam quando se trata de finanças é algo que precisa de um controle, pois para eles a razão na administração dos recursos faz com que os objetivos se ajustem ao planejamento familiar e tudo ocorra da melhor forma possível (FERREIRA, 2006).

Nesse meio, os filhos também possuem uma posição consciente de como lidam com essas situações; são mais razão, analisam o que é mais viável e pensam sempre antes de gastar. “Sou mais da razão do que emoção, pois tenho sempre um planejamento do que pode me ajudar, não compro algo que em pouco tempo já não vou utilizar mais” (FILHO A). “Quando era menor eu via algo e já queria comprar, mas agora que tenho o meu próprio dinheiro eu analiso melhor minhas compras, quais serão mais rentáveis para minha vida” (FILHO B).

Os filhos apresentam normalmente o mesmo comportamento de seus pais, nesse meio, face aos resultados encontrados, pode-se entender que há uma vida financeira em equilíbrio e com pontos positivos em ambas as partes, tanto aos pais quanto aos filhos (GRÄF e GRÄF, 2013). A seguir, é possível observar uma síntese final, através de um fluxograma elaborado referente aos principais resultados obtidos com a análise dos dados coletados sobre o assunto em questão.





5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar o efeito da interação da família no comportamento financeiro dos adolescentes. Para isso, realizou-se uma pesquisa qualitativa e descritiva, que foi conduzida no formato de dois grupos focais, um com os pais e o outro com os filhos adolescentes. As principais conclusões apontam que os pais interagem com os filhos sobre a administração de finanças, especialmente quando estão debatendo sobre as contas da família, possíveis investimentos a longo prazo, pagamento de boletos e demais exercícios financeiros.

Porém não ficou evidenciada uma política de educação financeira nas famílias. Os pais, de um modo geral, apontaram que muitos filhos não se interessam por conversar sobre dinheiro. Outro indicativo é o não uso de mesada nas famílias, o que pode comprometer a compreensão e a administração do dinheiro por parte dos adolescentes, uma vez que os filhos recebem dinheiro apenas quando precisam.

Nesse viés, a educação financeira dos filhos ainda está em formação e precisa ser estimulada para que os adolescentes saibam como reagir às tomadas de decisões e que possam desenvolver uma visão de longo prazo, especialmente no que tange ao comportamento de consumo. Embora eles compreendam como a gestão financeira funciona em seus lares, sabem a rentabilidade dos pais, os gastos fixos, investimentos maiores, não demonstraram participar nas decisões dos investimentos dos pais; sendo que os principais assuntos financeiros estão restritos a gastos e consumo diários e não à educação financeira.

Em termos gerais, as principais contribuições deste estudo estão na importância de se criar uma cultura de educação financeira nos lares, essencialmente, do papel da família na vida desses adolescentes. É preciso trazer à tona o papel da família na construção do comportamento de consumo dos adolescentes. O estudo também apresenta uma contribuição à comunidade, uma vez que traz para a discussão comportamentos que servem de pano de fundo ao desenvolvimento da economia no mercado, comprovando que um adolescente bem instruído possui maior probabilidade de se tornar um adulto capaz de classificar suas necessidades e desejos, prioridades e objetivos.

Embora este campo de pesquisa ainda se encontra em estágio embrionário e o estudo apresente algumas limitações e não possa ser generalizado no que concerne a perfis específicos dos participantes, entretanto, os objetivos foram atingidos. Ele pode ser tema de novas pesquisas para a academia com amplitude maior, com uso de outros métodos investigativos, vindo a contribuir de forma mais expressiva e em profundidade sobre o papel da família na educação financeira dos seus filhos.

REFERÊNCIAS

- ATKINSON, A.; MESSY, F. Assessing financial literacy in 12 countries. an OECD/INFE international pilot exercise. **Journal of Pension Economics and Finance**, v. 10, n. 4, p. 657-665, 2011.
- BENTO, L. F. **A necessidade da educação financeira do ensino médio versus ingressantes no curso de ciências contábeis: um estudo comparativo de habilidade financeiras**. UNIFACIG Centro Universitário, 2020.
- BITTENCOURT, J. A. D.; SARDINA, G.; BARBOSA, C. A.; ALVES, R. C. S; OLIVEIRA, S. A. D. Análise da relação entre o perfil de investidor, a realidade do mercado de renda fixa e variável e a teoria da aversão à perda. **Revista Razão Contábil e Finanças**, Fortaleza, v. 9, n. 2, 2019.
- BORGES, P. R. S. A influência da educação financeira pessoal nas decisões econômicas dos indivíduos. In. **VIII EPCT Encontro de Produção Científica Tecnológica**. Universidade Estadual do Paraná. Campo Mourão-PR, p. 1-15, 2013.
- BRUHN, M.; LEÃO, L. de S.; LEGOVINI, A.; MARCHETTI, R. e ZIA, B. The Impact of High School Financial Education, Experimental Evidence from Brazil. **The World Bank Development Research Group & Latin America and Caribbean Region**. 2013.
- BOWEN, C. F. Financial knowledge of teens and their parents. **Journal of Financial Counseling and Planning**, v. 13, p. 93, 2002.
- CALAMATO, M. P. Learning financial literacy in the family. **Unpublished master's thesis**. The Faculty of the Department of Sociology, San José State University, 2010.
- CAMPOS, A. B. **Investigando como a educação financeira crítica pode contribuir para tomada de decisões de consumo de jovens-indivíduos- consumidores (JIC'S)**. 177f. Dissertação (Mestrado) em Educação Matemática da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG. 2013.

- CANDIDO, J. G.; FERNANDES, A. H. S. Educação financeira e nível do endividamento: relato de pesquisa entre os estudantes de uma instituição de ensino da cidade de São Paulo. **Revista Eletrônica Gestão e Serviços**, v. 5, n. 2, p. 894-913, 2014.
- CARVALHO, L. A.; SCHOLZ, R. H. 'Se Vê o Básico do Básico, Quando a Turma Rende': Cenário da Educação Financeira no Cotidiano Escolar. **Revista Brasileira de Gestão e Inovação**, v. 6, n. 2, p. 102-125, 2019.
- CERBASI, Gustavo. **Filhos inteligentes enriquecem sozinhos** – São Paulo: Editora Gente, 2006.
- CLARKE, M. D.; HEATON, M. B.; ISRAELSEN, C. L.; & EGGETT, D. L. The acquisition of family financial roles and responsibilities. **Family and Consumer Sciences Research Journal**, v. 33, p. 321-340, 2005.
- CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO. Peic nacional – (Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor). Disponível em: <<http://cnc.org.br/central-do-conhecimento/pesquisas/economia/pesquisa-deendividamento-e-inadimplência-do-consumidor-1>>, 2018.
- COSTA, M. F.; ANGELO, C. F.; FARIAS, S. Verticalidade, Foco Regulatório e Preços: Quem é Capaz de Conseguir um Bom Negócio?. **Brazilian Business Review**, v. 17, n. 3, p. 309-327, 2020.
- CRIDDLE, E. Financial literacy: goals and values, not just numbers. **Alliance**, v. 34, n. 4, 2006.
- CRUZ, D. B.; OLIVEIRA, F. C.; BARVLK, J. S.; CARNEIRO, T. M.; PEREIRA, T. S. Educação Financeira para crianças e adolescentes na região metropolitana de Curitiba. **Revista Estação Científica: Juiz de Fora**, nº17, jan–jun, 2017.
- DALFOVO, M. S.; LANA, R. A.; SILVEIRA, A. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v.2, n.4, p.01- 13, Sem II. 2008.
- D'AQUINO, Cássia de. **Educação Financeira**. Como educar seus filhos, 2008.
- DETONI, D. J.; LIMA, M. S. Educação Financeira para Crianças e Adolescentes. **VIII SEGeT - VIII Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia**, 2011.
- EDWARDS, R.; ALLEN, M. W., & HAYHOE, C. R. Financial attitudes and family communication about students' finances: The role of sex differences. **Communication Reports**, v. 20, n. 2, p. 90-100, 2007.
- FERREIRA, R. **Como Planejar Organizar e Controlar seu Dinheiro: manual de finanças pessoais**. São Paulo: IOB Thomson, 2006.
- FLICK, U. **Introdução à Metodologia de Pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013.
- GITMAN, L. J. **Princípios de administração financeira**. 12. ed. São Paulo: Pearson, 2010.
- GODOI, C. K. Perspectivas de análise do discurso nos estudos organizacionais. Capítulo 13. In: GODOI, C. K.; MELLO, R.B.; SILVA, A. B. (organizadores) **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006.
- GOMES, K. L. **Planejamento financeiro: levantamento de ferramentas para administradores atuantes em assessoria pessoal financeira**. 57f. Monografia do curso de Administração da Faculdade de Educação e Meio Ambiente, 2018.
- GONÇALVES, V. N.; PONCHIO, M. C. Quem Pensa no Futuro Poupa Mais? O Papel Mediador do Conhecimento Financeiro na Relação entre Orientação para o Futuro e Segurança Financeira Pessoal. **Revista Brasileira de Marketing**, v. 17, n. 4, p. 472-486, 2018.
- GRÄF, C. O., & GRÄF, M. Planejamento financeiro: Fugindo das dívidas. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 11, n. 2, p. 183-191, 2013.
- GUDMUNSON, C. G., & BEUTLER, I. F. Relation of parental caring to conspicuous consumption attitudes in adolescents. **Journal of Family and Economic Issues**, v. 33, n. 4, p. 389-399, 2012.
- HASTINGS, J.; MITCHELL, O. S. **Financial literacy: implications for retirement security and the financial marketplace**. Oxford, UK: Oxford University Press, 2011.

- HUNG, A.A.; PARKER, A.M.; YOONG, J.K. Defining and measuring financial literacy. **RAND Corporation, Working Paper** WR-708, 2009.
- IPEA - INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Dados sobre endividamento das famílias**. 2015, disponível em <<http://www.ipeadata.gov.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2015.
- JORGENSEN, B. L. **Financial literacy of college students: parental and peer influences**. Unpublished master's thesis. Virginia Polytechnic Institute and State University, Blacksburg, Virginia, 2007.
- JÚNIOR, H. R., & SCHIMGUEL, J. **Educação matemática financeira: conhecimentos financeiros para a cidadania e inclusão**. InterSciencePlace, v.1, n. 9, 2009.
- KRÜGER, F. **Avaliação da educação financeira no orçamento familiar**. Trabalhos de conclusão de curso (Tecnólogo em Processos Gerenciais) - Faculdade de Tecnologia Pedro Rogério Garcia – FATTEP, Concórdia, SC, Brasil, 2014.
- LEISER, D.; HALACHMI R. B. Children's understanding of Market forces. **Special Issue: Economic Socialization Journal of Economics Psychology**, vol. 27, p. 06-19, 2006.
- LIMA, C. B., & DE SÁ, I. P. Matemática financeira no ensino fundamental. **Revista Eletrônica TECCEN**, v. 3, n. 1, p. 34-43, 2010.
- LIMA FILHO, W. A.; SILVA, C. T. C.; LEVINO, N. A. Comportamento Financeiro Pessoal: Uma Análise dos Docentes da Universidade Federal de Alagoas. **Sinergia**, v. 24, n. 2, p. 23-36, 2020.
- LIZOTE, S. A.; SIMAS, J.; LANAS, J. Finanças Pessoais: um Estudo Envolvendo os Alunos de Ciências Contábeis de uma Instituição de Ensino Superior de Santa Catarina. In: **Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia**. Anais do IX SEGeT 2012. Resende, 2012.
- LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S. **Financial Literacy Around The World: An Overview**, 2011.
- LUSARDI, A., & MITCHELL, O. S. The economic importance of financial literacy: theory and evidence. **Journal of Economic Literature**, v. 52 n.1, p. 05-44, 2014.
- LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S. Financial literacy and retirement planning in the United States. **Journal of Pension Economics and Finance**, vol. 10 n. 4, p. 509-525. 2011.
- MAGRO, C. B. D.; GORLA, M. C.; SILVA, T. P.; HEIN, N. O Efeito da Família no Comportamento Financeiro de Adolescentes em Escolas Públicas. **Revista de Contabilidade e Organizações**, v. 12, n. 1, p. 1-21, 2018.
- MANOLIS, C., & ROBERTS, J. A. Subjective well-being among adolescent consumers: the effects of materialism, compulsive buying, and time affluence. **Applied Research in Quality of Life**, v. 7, n. 2, p. 117-135, 2012.
- MEIER, S.; SPRENGER, C. D. Discounting financial literacy: Time preferences and participation in financial education programs. **Journal of Economic Behavior & Organization**, Estados Unidos, p. 159-174, 2012.
- MELO, Fernando. **Desenvolva sua inteligência financeira**. Goiânia: Kelps, 2011.
- MESSY, F.; MONTICONE, C. Financial Education Policies in Asia and the Pacific. **OECD Working Papers on Finance, Insurance and Private Pensions**, Paris, n. 40, 2016.
- METTE, F. M. B. A Educação Financeira como um Instrumento Estratégico para dar Sustentabilidade ao Crescimento Econômico Brasileiro. **International Journal of Business & Marketing**: Porto Alegre/RS, v. 1, n. 1, p. 44-44, 2015.
- METTE, F. M. B., e MATOS, C. A. **Uma análise bibliométrica dos estudos em educação financeira no Brasil e no mundo**. RIMAR: Maringá, v.5, n.1, p. 46-63, 2015.
- MITCHELL, O. S., e LUSARDI, A. Financial literacy and economic outcomes: Evidence and policy implications. **The Journal of Retirement**, v. 3(1), p. 107-114, 2015.
- NETEMEYER, R. G., WARMATH, D., FERNANDES, D., & LYNCH, J., Jr. How am I doing? Perceived financial well-being, its potential antecedents, and its relation to overall well-being. **Journal of Consumer Research**, v. 45 n.1, 2018.

- OLIVEIRA, M. O. R.; LUCE, F. B.; SAMPAIO, C. H.; PERIN, M. G.; SANTINI, F. O.; SANTOS, M. J. **Análise da qualidade dos artigos científicos da área de marketing publicados no Brasil: as pesquisas survey na década de 2000.** REAd. Revista Eletrônica de Administração: Porto Alegre – RS, v. 23, n. 1, 2017.
- SANTOS, M. J. **Análise da qualidade dos artigos científicos da área de marketing publicados no Brasil: as pesquisas survey na década de 2000.** REAd. Revista Eletrônica de Administração: Porto Alegre – RS, v. 23, n. 1, 2017.
- PINTO, M. B., PARENTE, D. H., & MANSFIELD, P. M. Information learned from socialization agents: its relationship to credit card use. **Family and Consumer Sciences Research Journal**, v. 33, n. 4, p. 357-367, 2005.
- PIRES, D., LIMA, O., DALONGARO, R., SAMPAIO, P., & SILVEIRA, J. Educação Financeira como Estratégia para Inclusão de Jovens na Bolsa de Valores. **Tourism & Management Studies**, v. 3, 2013.
- POLETO, A. L., MANFREDINI, A. M. N., & GRANDESSO, M. **A responsabilidade relacional como recurso para o uso do dinheiro nas relações familiares.** Nova Perspectiva Sistêmica, v. 2, n. 52, p. 52-63, 2015.
- REMUND, D. Financial literacy explicated: The case for a clearer definition in an increasingly complex economy. **The Journal of Consumer Affairs**, v. 44, n. 2, p. 276-295, 2010.
- RODRIGUES, A. C. A evolução do mercado de capitais e o perfil do acionista minoritário no Brasil. **Scientia Iuris: Londrina**, v. 16, n. 2, p. 107-128, 2012.
- ROSSATO, V. P.; BESKOW, R. P.; PINTO, N. G. M. O Endividamento e os seus Consequentes nas Capitais Brasileiras de 2010 a 2017. **Revista de Administração IMED**, v. 9, n. 1, p. 94-113, 2019.
- ROSSETTO, J. C. **Educação Financeira crítica: A gestão do orçamento familiar por meio de uma prática pedagógica educação de jovens e adultos.** UNIVATES -UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI. Lajeado – RS, 2019.
- SARAIVA, K. S. Os sujeitos endividados e a Educação Financeira. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 66, p. 157-173, out./dez. 2017.
- SAVOIA, J. R. F.; SAITO, A. T.; SANTANA F. A. Paradigmas da educação financeira no Brasil. **Revista de Administração Pública**. Rio de Janeiro, vol. 41, n. 6, p.1121-1141, 2007.
- SCHERESBERG, C. B. Financial literacy and financial behavior among young adults: evidence and implications. **Numeracy**. vol. 6 n. 2, 2013.
- SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO CRÉDITO (SPC). **Número de jovens inadimplentes atinge 4,81 milhões de negativados entre 18 e 24 anos, mostra SPC Brasil**, 2019. Disponível em: <[https://www.spcbrasil.org.br/imprensa/indices-economicos/Release-Inadimplência-PF--Jovens\(1\).pdf](https://www.spcbrasil.org.br/imprensa/indices-economicos/Release-Inadimplência-PF--Jovens(1).pdf)>. Acesso em: 07 jul. 2020.
- SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO CRÉDITO (SPC). **Três em cada dez jovens brasileiros não fazem controle financeiro, mostram SPC Brasil e CNDL**, 2019. Disponível em: <[https://www.spcbrasil.org.br/imprensa/indices-economicos/Release-Consumo-Jovens--Finanças-e-Inadimplência\(2\).pdf](https://www.spcbrasil.org.br/imprensa/indices-economicos/Release-Consumo-Jovens--Finanças-e-Inadimplência(2).pdf)>. Acesso em: 07 jul.2020.
- SILVA, A. J.; PAIXÃO, R. B.; MOTA, F. L. **Planejamento Financeiro Pessoal.** Uma Abordagem sobre as contribuições da Administração Financeira na Gestão dos Recursos Pessoais. In. XXI Congresso Brasileiro de Custos – Natal, RN. V1. 17 a 19 de novembro de 2014, 2014.
- SILVA, C. L. **Educação financeira e o comportamento do consumidor um estudo com jovens de Ituiutaba/MG.** 28f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração) – Universidade Federal de Uberlândia. Ituiutaba-MG, 2018.

- SILVA, A. C.; SOUZA, I. C.; BUENO, M. P.; ALMEIDA, A. L.; SILVA, R. H. **Qualidade de Vida e Endividamento**. Desafio Online, v. 8, n. 2, p. 353-377, 2020.
- SILVEIRA, C. C. **Um estudo sobre a matemática financeira em uma escola pública do município de Canoas**. Trabalho de Conclusão (Graduação em Matemática) - Centro Universitário La Salle, Canoas, RS, Brasil, 2010.
- THEODORO, F. R. F. Matemática e educação financeira: uma experiência com o ensino médio. **Revista de Educação**, 13(15), 171-179, 2010.
- TOLOTTI, M. **As armadilhas do consumo: Saia do vermelho e comece a investir**. Rio de Janeiro: Campus, 2012.
- TRINDADE, L. DE L.; RIGHI, M. B.; VIEIRA, K. M. De onde vem o endividamento feminino? Construção e validação de um modelo PLS-PM. **Revista Eletrônica de Administração**, Porto Alegre, ed.73, n. 3, p. 718-746, set./dez. 2012.
- VIEIRA, K. M.; JUNIOR F. J. M.; POTRICH, A. C. G. **Indicador de Educação Financeira: Proposição de um instrumento a partir da teoria da resposta ao item**. Educação e Sociedade:Campinas, v. 40, 2019.
- VIEIRA, E. G. F.; KILIMNIK, Z. M.; SANTOS NETO, S. P. D. **Qualidade de Vida e Endividamento: Estilos de Vida Associados ao Descontrole Financeiro e Consequências na Vida Pessoal E Profissional**. Reuna, v. 21, n. 2, p. 23-62, 2016.
- WANG, X., LIN, X., & SPENCER, M. K. Exploring the effects of extrinsic motivation on consumer behaviors in social commerce: Revealing consumers' perceptions of social commerce benefits. **International Journal of Information Management**, v. 45, p. 163-175, 2019.
- WEBLEY, P. & NYHUS, E. K. Parents' influence on children's future orientation and saving. **Journal of Economic Psychology**, v. 27, n. 1, p. 140-164, 2006.